

O Campo

Edição 4 • agosto • 2014

 Coopermota

VIDA CAIPIRA

▲ Lei Florestal:
Cadastro já tem prazo
para ser concluído

▲ Milho de segunda
safra com perspectiva
de recuperação ao produtor



AGRICULTOR
COM VOCÊ
SOMOS MAIS QUE UMA SEMENTE

UMA HOMENAGEM DA COOPERMOTA A TODOS AGRICULTORES



Coopermota

Sempre ao lado do agricultor

“CAIPIRA NOSSO DE CADA DIA”, VALORIZAÇÃO E INCENTIVO

A grande maioria das pessoas que vive no Vale Paranapanema carrega em suas memórias, ou mesmo presença em seu dia a dia, lembranças ou experiências ligadas ao viver no campo. Essas recordações alimentam sentimentos que na maioria das vezes despertam o sorriso no rosto e criam sensações de satisfação. A simplicidade e a rusticidade de tempos mais remotos compuseram a história do Vale Paranapanema que hoje já se desdobra com a realidade de alta tecnologia na agricultura. Porém, em algumas localidades desta região são mantidos os valores e o prazer pelo trabalho manual e o bate papo ao pé da porteira no final ou no início do dia, sempre acompanhados de belas paisagens rurais.

Com o objetivo de valorizar a cultura caipira, a revista O Campo – Coopermota, traz duas matérias que mostram opções de lazer que se utilizam da memória e de experiências baseadas na simplicidade da vida, seja no restaurante caipira ou no passeio do trem de Maria Fumaça, para levar os seus frequentadores a recordar os “velhos tempos”.

A simplicidade do campo, em muitas situações, é sinônimo de proximidade entre os indivíduos e do viver baseado na coletividade. Na dificuldade para o enfrentamento dos problemas vividos, a ajuda ao outro para a construção de projetos em comum é a melhor opção. Essas percepções estão diretamente ligadas ao cooperativismo, base da estrutura da Coopermota.

Além destas abordagens, preparamos nesta edição algumas reportagens que dão destaque à mudança de perspectivas em relação ao milho de inverno, antes chamado de safrinha e agora denominado como milho de segunda safra, dado o potencial produtivo alcançado nos últimos anos. Experiências de cultivo e opções de insumos e de sementes foram apresentados nos dias de campo anuais de inverno da Coopermota realizados em Cândido Mota e Palmital, e ainda percebidos nos resultados da colheita já iniciados na região.

Assuntos como a nova Lei Florestal e aspectos do seguro rural também são abordados nesta edição, que traz também matérias referentes a outras culturas de inverno como o Nabo e o Trigo e retrata ações sociais e culturais desenvolvidas pela Coopermota.

Desfrute da leitura!

▲ Expediente

Publicação da Cooperativa dos Cafeicultores da Média Sorocabana - Coopermota

EDIÇÃO/ REPORTAGENS E FOTO
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO
Laser Gráfica

TIRAGEM
2000 exemplares

ANÚNCIOS
Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL
Guerreiro Agromarket - Florianópolis
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO
Av. da Saudade, 85
Cândido Mota - SP

 Coopermota

PRESIDENTE
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO
Silvio Ap. Zanon Bellotto

“Agricultor, com você somos mais que uma semente”

Na última quinzena de julho comemoramos o dia do Agricultor. Dedicamos o resto do mês e este espaço na revista O Campo para parabenizar o homem rural. Com o tema “Agricultor, com você somos mais que uma semente”, a Coopermota realizou uma série de ações para parabenizar aquele que faz da cooperativa uma história de sucesso.

Os quase 2 mil cooperados da Coopermota compõem o quadro de profissionais e de empreendedores rurais que exercem grande importância para os resultados positivos que a cooperativa vem registrando nos últimos anos. Queremos transmitir, com a campanha que realizamos, a importância dos valores cooperativistas para a construção conjunta de propostas em projetos de ação agrícola e social, como um todo. Sabemos que juntos podemos crescer de forma mais organizada e consistente.

Cada produtor é importante para a cooperativa. A característica agrícola da região e os benefícios de uma boa produtividade no campo são importantes para a população dos municípios do Vale Paranapanema de uma forma geral, beneficiados por sua atuação.

Estamos em pleno período de colheita do milho de segunda safra na região, com boas perspectivas de resultados positivos para o produtor, embora ainda estejamos esperando por melhorias nos preços pagos por este grão. O valor da saca de 60 quilos está bastante inferior aos índices necessários para um resultado realmente remunerador ao agricultor. Sabemos que ele é aquele que impulsiona a economia local e é responsável por grande parte do PIB brasileiro, por isso destacamos o seu valor. “Parabéns agricultor, pelo seu dia”.

Edson Valmir Fadel
Presidente da Coopermota

05

Com cheiro, sabor
e jeito caipira

08

Deslizar nos trilhos da
vida rural do século XX

12

Colheita do milho
de segunda safra

14

Dias de Campo

18

Safra de milho
de recuperação do agricultor

21

Cadastro ambiental, primeira fase
de adequação da lei florestal

25

Seguro Rural

28

Uma experiência de produtividade
e opção de inverno: nabo

30

Trigo comercializado para moinho
e incentivado como rotação
de cultura

33

Fiscalização de documentações
e registros em favor
do desenvolvimento da Coopermota

34

Arraiás “porretas” organizados
pela Coopermota

36

Projeto “cultiva” conhecimento
nas escolas

Com cheiro, sabor e jeito caipira

"As pessoas que comem aqui lembram a vida rural que já tiveram. A maioria viveu no sítio por aqui"

Roberval Aparecido Eugênio

Alguns pratos culinários que povoam nossas lembranças foram produzidos por nossas avós, mães, ou algum parente próximo, agregando entre seus ingredientes, algumas pitadas de carinho e de proximidade familiar. O cheiro e o sabor de determinada comida nos fazem ativar recordações do tempo de infância, ou daqueles períodos mais remotos contados por nossos antepassados. Há algumas décadas, em que o tempo do dia a dia era mais lento em relação ao atual e a dedicação ao cuidado da casa era obrigação de mulheres e meninas, havia também um outro tempo para cozinhar. Sem panelas de pressão para o preparo do feijão ou de uma carne mais consistente, eram necessárias algumas horas até que tudo estivesse no ponto de ser consumido. Além disso, os alimentos eram produzidos todos no sítio, onde viviam a maior parte das famílias. Sendo assim, antes do frango exalar o seu cheiro na mesa do jantar ele precisava ser pego e abatido, o que levava algum tempo.

Para muitos, ao lado destas antigas lembranças culinárias, também está presente um cenário mais amplo, que compunha o ambiente cotidiano do homem caipira, situação vivida pela maioria das pessoas que hoje habita o Vale Parapanema. Entre eles estão os meios de transportes mais rústicos, baseados na tração animal, bem como o escovão de ferro, utilizado para dar lustro ao chão encerado manualmente com pasta, a máquina de costura movida à mão, a televisão com transmissão em preto e branco, o pilão de socar o café ou o fubá e outros produtos, o bernal à tira colo para levar mantimentos à roça e várias outras práticas e equipamentos que eram utilizados não só nesta região, como também no Brasil rural de algumas décadas atrás.

As tecnologias têm avançado em grande velocidade nos últimos tempos, porém os valores e a cultura caipira ainda são preservados por alguns produtores rurais e amantes desta vida. Distante a 20 quilômetros de Cândido Mota, no distrito de Porto Almeida, o restaurante caseiro da família "Silveira Eugênio" segue o ritual caipira de produção artesanal da comida em um ambiente que remete a tempos antigos. Neste espaço, as lembranças e sensações guardadas na memória podem ser revividas. Na cozinha de Maria Ignês da Silveira Eugênio, nada é congelado, toda a



carne é fresca e, no caso do frango, seu principal prato, ele é criado no próprio terreiro do sítio, ao lado de outros animais que servem como atrativo aos visitantes. Entre eles estão cavalos, pavões, pássaros, coelhos e outros. A casa hoje aberta ao público, sempre foi da família, tendo sido mantida entre eles há pelo menos duas gerações.

O ambiente é composto por diversos objetos antigos, destes que compõem o cenário do imaginário caipira, como aqueles citados anteriormente. Na carroça são expostas as guloseimas açucaradas preparadas por Ignês, como os doces de leite, de banana e de abóbora, comercializados como sobremesas do almoço repleto de quitutes que lembram a vida no campo.

Aos sábados e domingos a mesa é ainda mais farta, recebendo dezenas de famílias. Neste caso, comer significa contemplar o paladar e fazer aquela cesta após a refeição, ao lado dos familiares. Nos finais de semana, a mesa é composta por quinze pratos diferentes, que vão desde a mandioca cozida e coberta por alho tostado, peixe, quiabo e suflê de abobrinha até as carnes como a linguíça e de porco frita, o pernil assado com preparo à pururuca, a costela de boi cozida com bacon, o frango caipira acompanhado de polenta e o famoso torresmo. No total, são produzidos cerca de 120 quilos de comida. Para o tempero, é gasto um quilo de alho em uma semana.

No sítio do restaurante caipira, a rotina de

sábado e domingo começa cedo, por volta das 4h30. A primeira coisa a ser feita é reservar o coador de pano para o preparo do café que dará o pontapé inicial das atividades do dia. Nesta hora começam a serem organizadas as panelas e o fogão para a refeição que deverá estar pronta às 11h30, momento em que começam a chegar os apreciadores da cozinha caipira. Embora estejamos em um ambiente rústico, a produção da comida segue o ritual adotado por Ignês em um sistema de linha de produção. Tudo tem uma sequência e hora para ser feito. Primeiro são levadas ao fogo as carnes que serão cozidas na pressão ou assadas, logo depois começam a ser preparados os legumes, seguidos das saladas e assim por diante.

No fogão do restaurante ninguém põe a mão a não ser a cozinheira que diz não fazer nada especial para que a comida fique boa, mas garante que até hoje não recebeu reclamação de nenhum cliente. Embora afirme que a exclusividade no fogão não seja uma questão de ciúmes, o filho e sócio, Roberval Eugênio, comenta sorrindo que a mãe sente ciúmes sim e tem seu ritual de preparo. Ele não pode ser quebrado por ninguém. “Se mudar o planejamento da cozinha fica difícil. Então faço sozinha”, justifica. Ignês afirma que a principal diferença na sua forma de cozinhar é não usar nada artificial. “Meu tempero é o alho, a cebola, o sal e a pimenta do reino. Nada de conser-



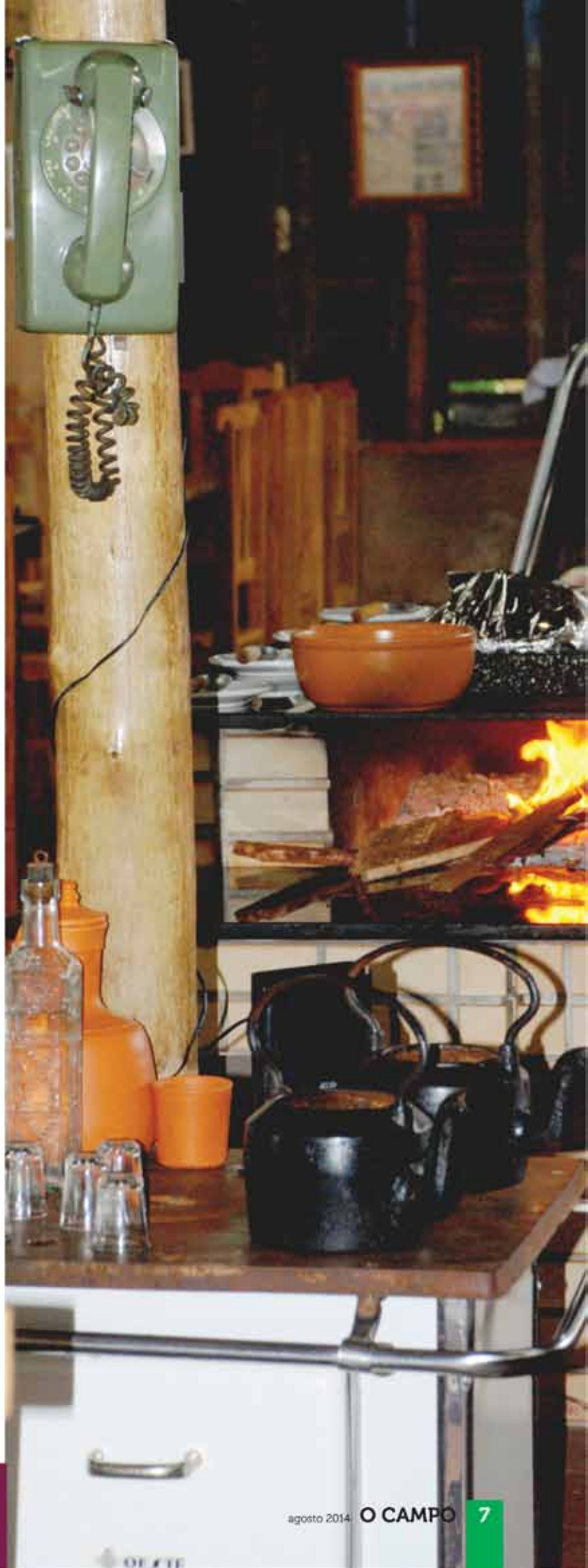
Roberval Aparecido Filho e Maria Ignês da Silveira Eugênio

vantes”, revela. Ela diz preferir fazer arroz por duas, três, até quatro vezes numa refeição de domingo do que ter o alimento sobrando na cozinha. “Não tenho nada de modernidade na minha cozinha. Tudo segue o mesmo tipo de preparo dos tempos antigos, a não ser a panela de pressão, que preciso utilizar para dar conta da quantidade de refeições que vamos servir”, comenta.

Depois de tudo pronto, os alimentos são levados ao salão de alimentação, mantidos em temperatura ideal para o consumo, em banho-maria, no fogão à lenha. “As pessoas que comem aqui relembram a vida que tiveram no sítio. A maioria viveu no sítio por aqui. Então fazemos tudo para que o ambiente preserve as tradições e cultura dos tempos mais antigos”, diz Roberval Aparecido Eugênio, esposo de Maria Ignês.

} A DEMANDA DE INTERESSE QUE VIROU COMÉRCIO

A família Silveira Eugênio morava na área urbana do distrito de Porto Almeida no final da década de 1990 e possuía um mercadinho. Com a vinda de trabalhadores para a construção das barragens da Usina Hidroelétrica Canoas I, em Cândido Mota, e a fama de boa cozinheira de Maria Ignês, houve a proposta para que ela cozinhasse para eles. “Eu disse que íamos fazer uma experiência e se fosse bom pra mim e para eles a gente continuaria”, lembra. Os trabalhadores permaneceram por cerca de quatro anos na região e Ignês continuou cozinhando, primeiro para conhecidos e amigos. Posteriormente, o empreendimento se estendeu para a formatação atual do restaurante caseiro. Depois de algum tempo, o casal voltou ao sítio e manteve o restaurante por aproximadamente um ano, quando convidaram o filho, Roberval, que era sommelier em um restaurante em São Paulo, para se tornar sócio do empreendimento. A parceria do casal com o filho tem dado bons resultados e envolve toda a família na produção da comida caipira aos domingos. ■





Deslizar nos trilhos da vida rural do século XX

Em um percurso de 24 quilômetros, no trajeto de ida e volta do trecho turístico do trem Moita Bonita, os passageiros reúnem sentimentos que se misturam entre curiosidade, daqueles que não viveram o período auge do trem Maria Fumaça e querem experimentar a sensação de viajar com ele, e também de saudade, para aqueles que trazem na memória as experiências do tempo em que os limites geográficos eram driblados com apenas a força do vapor

Em 1.879 era concluída a montagem e o acabamento manual da locomotiva número 1.244 movida à vapor, de propriedade da empresa inglesa Bristol. Passados mais de 130 anos, agora em Paraguaçu Paulista, a uma velocidade de 20 quilômetros por hora, a máquina manobreira e mais dois vagões seguem nos trilhos que cortam a vida rural da região de Paraguaçu Paulista. Os vagões são réplicas dos exemplares utilizados para o transporte de passageiros em períodos remotos da história da estrada de Ferro Sorocabana, feitos exclusivamente com madeira.

As sensações de tempos bucólicos em que o cotidiano era prioritariamente rural são revividas em velocidade contrária à agilidade dos tempos modernos, em que o presente se torna passado em questão de segundos. Tais momentos são vividos em um passeio que se estende entre a sede do município, em Paraguaçu, e o distrito de Sapezal, localizado a 12 quilômetros no sentido de Quatá, pela linha férrea, atualmente sob concessão da América Latina Logística (ALL). Conforme restrição imposta pela empresa responsável pelos trilhos, a máquina segue a uma velocidade de 20 quilômetros por hora, embora tenha capacidade para percorrer o trajeto de forma mais acelerada, em até 50 quilômetros por hora. A condução é fiscalizada por um GPS e um tacógrafo, semanalmente encaminhado à controladoria do sistema, sediada em Curitiba. Em todo o trajeto, o maquinista Antônio Passos, profissional aposentado da ALL,

agora se responsabiliza em levar o trem e os passageiros de forma segura desde o embarque até a conclusão do passeio.

As limitações da locomotiva manobreira para enfrentar um desnível aproximado de 150 metros até a estação de Sapezal, no entanto, coloca em evidência a mudança de postura da vida cotidiana dos passageiros, acostumados com a agilidade da vida globalizada e dos motores rápidos que rompem fronteiras geográficas sem dificuldades. Alguns demonstram ansiedade pela lentidão do processo de ida até o destino no Distrito de Sapezal. Aproximadamente a cada 300 metros de subida, a máquina perde potência e precisa ficar pelo menos 15 minutos parada para recuperar a impulsão do motor com a pressão do vapor produzido pela caldeira.

O retorno à vida dos séculos já vividos na região do Vale Paranapanema por meio das locomotivas que ficaram conhecidas no Brasil como Maria Fumaça, atrai diferentes tipos de passageiros, sejam aqueles que buscam reviver experiências ou aqueles que são atraídos pela iniciativa diante da curiosidade em relação a um período muitas vezes relatado por seus parentes e estudado nos livros escolares. A história dos tempos remotos do Brasil e do Vale Paranapanema são lembrados pelos monitores do passeio, Luís Carlos Pedroso e Lilian Guedes.

Neste sentido, a passageira Ana Maria Moraes, moradora de Jaú, lembra das poucas viagens que fez no trem de passageiro quando era criança, na década de 1950. Ana diz que ainda traz na memória as viagens entre São Paulo, onde morava, até Santos, em direção à praia. O pai era ferroviário, mas a família não viajava muito de trem, já que não tinham dinheiro para isso. Contudo, Ana lembra que pelo menos uma vez por ano o pai os levava para a praia. “Me lembro muito bem que no restaurante tinha um vaso de flor que ficava sobre a mesa e não caía de jeito nenhum. Ele era fixado”, diz. A família viajava sempre na segunda classe, mas a circulação pelo restaurante era comum a todos os passageiros. Ela destaca que a imagem da flor não lhe saiu da memória. Como não comiam no restaurante do trem, Ana lembra que sua mãe fazia saladas de batatas para que comessem no percurso.

Em suas lembranças de menina, a viagem durava quase o dia todo, mas esse tempo não é preciso. Ela não tem certeza de quantas horas permaneciam no trem. Para ela era uma eternidade. O sorriso no rosto ao buscar as recordações em sua memória relata o prazer que parece sentir ao reviver tempos de sua vida.

Diferente de Ana Maria, Mércia Gonçalves faz o trajeto do Moita Bonita para conhecer a experiência da viagem, já que não viveu o tempo áureo dos trens. Nasceu em Rancharia, mas atualmente vive em Guarulhos e aproveitou a visita aos parentes em cidade da região para vir a Paraguaçu e conhecer parte do trajeto percorrido por milhares de moradores desta região caipira, em direção a outras partes do mundo.

} D. LINA EM ATUAÇÃO

Pelo menos 1,5 metros cúbicos de eucalipto citriodora são gastos por viagem para levar todos os passageiros até Sapezal, com parada obrigatória no meio do trajeto na Estância Menino da Tábua. O consumo de madeira é equivalente a, aproximadamente, seis árvores de eucaliptos de 15 centímetros de diâmetro e 15 metros de altura.

A máquina manobreira foi utilizada para a construção do trecho final da estrada de Ferro Sorocabana entre as cidades de Ourinhos e Presidente Epitácio, sendo propriedade do dono da empresa, o comendador José Giorgi. Depois que a linha foi desativada, a máquina foi empregada no transporte interno da fazenda, em Santa Lina, localização da estação situada a alguns quilômetros à frente de Sapezal. Era com esta máquina que se faziam as movimentações dos vagões de café e algodão da fazenda até a estação, sendo este um equipamento menor e menos potente do que as locomotivas movidas à vapor, utilizadas para o transporte de passageiros até a década de 1969 na região. Daí as dificuldades para a subida até a estação de Sapezal.

Em 1998, a máquina batizada de D. Lina foi doada pela família Leuzzi, então proprietária do equipamento, para a prefeitura de Paraguaçu Paulista. Toda a sua estrutura foi restaurada com a atuação direta do técnico em caldeiras, Abelardo Gomes dos Santos, atualmente com 80 anos e apaixonado por este sistema de movimentação motora, impulsionada por caldeiras, tendo montado diversos motores à vapor em diferentes partes do Brasil. A partir de 2005 a D. Lina foi restaurada e em 14 de março de 2010 foi realizada a viagem inaugural do passeio turístico implantado com recursos do Ministério do Turismo, obtido junto ao Governo Federal.



A viagem do Moita Bonita dá destaque à paisagem do campo. As imagens são um atrativo à contemplação de áreas de pastagens, dos bois que buscam o seu alimento nos pequenos arbustos e ainda, em raras ocasiões do trajeto, do preparo da terra para o cultivo rural. A vida do plantio de café, nos moldes mais antigos da região do Vale Paranapanema, responsável pela vinda dos trilhos do trem para a região, já não é mais existente entre Paraguaçu Paulista e Sapezal, no trecho do passeio do "Moita Bonita", mas toda a história transmitida pelos monitores nos vagões suscita a viagem dos passageiros pelos tempos do século XX, criando no imaginário partes desta vida no campo.

)} SUSPENSO

Os passeios no Moita Bonita, entre Paraguaçu Paulista e Sapezal acontecem somente aos sábados e domingos, sempre com saída às 9h. Contudo, desde o último final de semana de julho o trecho foi interditado pela América Latina Logística (ALL), concessionária da linha férrea. Com a isso, os passeios estão suspensos temporariamente. Para contatos e agendamentos, o telefone é 18 - 3361 6165. ■



Aberlado Gomes dos Santos (caldeireiro) e Antônio Passos (maquinista)



Ração Animal

Coopermota

PEIXES

TESTADA E APROVADA

Experimento realizado pela Apta Local: Reservatório de Canoas II

Período - 06 de junho e 06 de setembro / 06 de setembro e 05 de dezembro

População - 12 tanques-rede de 1,0 m³, com a densidade de estocagem de 150 peixes/m³.

Dados alcançados: na fase de crescimento os peixes atingiram entre 260 e 450 g, chegando a 67,3 Kg/m³ de biomassa; houve 1,61 de conversão alimentar aparente (CAA); 449 g de peso médio; 2,1 g de ganho de peso diário (GPD); 33,3% de rendimento de filé e 9,94% de vísceras e gordura visceral. Na fase de terminação, as tilápias pesaram de 450 a 900 g, tendo 156 Kg/m³ de biomassa; 1,98 de conversão alimentar aparente (CAA); 900 g de peso médio; 4,82 g de ganho de peso diário (GPD).

Os dados foram divulgados pelos pesquisadores Luiz Ayroza e Daercy Rezende Ayroza, da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta/Médio Paranapanema).



Milho de segunda safra

Em tempos de grandes investimentos, qualquer interferência do produtor é determinante

O cultivo do milho de inverno passou a ser considerado como uma segunda safra anual no calendário de atividade agrícola das propriedades rurais, não só do Vale Paranapanema e todo o estado de São Paulo como também de outras regiões do país

Na planilha de planejamento do final da colheita estão os investimentos que foram feitos na safra de inverno, aliados aos índices de produtividade alcançados. No sítio do seu João foram escolhidas as melhores sementes e os insumos corretos para o manejo do milho de segunda safra, o que resultou em uma produtividade ampliada, equivalente ao milho-verão. O agricultor é fictício mas ele representa a realidade que vem sendo registrada no Vale Paranapanema, com a ampliação crescente de produtividade do milho na safra de inverno. Tal circunstância é a expressão da mudança de conceito desta cultura, antes denominada como safrinha, dado o baixo investimento realizado pelo produtor e a situação de risco que configurava a iniciativa. O milho é bastante sensível à interferência do produtor, a qual é determinante para a obtenção de uma

produtividade ampliada. Como há um maior potencial de produção, as iniciativas do agricultor no decorrer da cultura são de grande importância para o resultado final, seja na maneira como procede no manejo da palhada, no plantio adequado ou nos cuidados contra pragas ou doenças que deve tomar.

Os híbridos atualmente disponíveis no mercado possuem particularidades genéticas que permitem a adaptação dos materiais em cada ambiente onde estão cultivados. Eles variam de acordo com o seu ciclo de desenvolvimento, com as exigências do híbrido no que se refere à nutrição da planta, com a tolerância às condições ambientais que possam resultar em estresse ao milho, com a resposta do híbrido em relação aos investimentos destinados à lavoura, com o nível de tolerância a possíveis situações de umidade na pré-colheita, entre outros fatores.

A região vive reflexos da mudança de postura do produtor e das empresas em relação ao que se adotava antes para a cultura de inverno. Neste período, era comum o produtor escolher a semente mais barata e não fazer nenhuma intervenção no decorrer da cultura como aplicações de fungicidas, por exemplo. Atualmente os híbridos possuem alto potencial produtivo e toda a organização das lavouras vem se adaptando desde o momento do plantio da soja.

O pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Aildson Pereira Duarte destaca que o sinônimo de risco e baixa tecnologia antes vinculado ao que era chamado de safrinha, deu lugar à expectativa de lucratividade, tendo a cultura de inverno como mais uma opção de recursos ao produtor. Em artigo publicado neste ano na revista *Campo & Negócio*, o pesquisador lembra que há alguns anos, as empresas comercializavam para a então, safrinha, o que havia de sobras de sementes da safra de verão. Essa prática permitia que o custo destas sementes fosse bastante baixo em relação ao seu preço original, praticado na safra de verão. A safrinha era portanto, um acréscimo nos rendimentos, agindo como uma forma de manter o solo coberto no intervalo da safra principal.

Duarte lembra que em 1984, a atual Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) passou a registrar o milho cultivado neste período entre os acompanhamentos de safra, com culturas não irrigadas no Paraná e em 1990, incluiu os dados de produção desta cultura no estado de São Paulo. Já em 2012 e 2013, a produção do milho então chamado de safrinha, superou os números da produção da safra de verão do país. O pesquisador destaca que a área atualmente ocupada com o milho de segunda safra é de oito milhões de hectares, quase a mesma área do milho verão.

A adoção do plantio de soja precoce também favoreceu o desenvolvimento da segunda safra do milho, que abriu uma maior “janela” produtiva no intervalo da produção de verão. Além disso, também tem crescido o número de híbridos disponíveis com melhor material genético adaptados ao cultivo no período do outono-inverno. Em publicação da Embrapa, os pesquisadores José Carlos Cruz, Israel Alexandre Pereira Filho e Aildson Pereira Duarte citam que havia 325 cultivares convencionais e 104 transgênicos de milho disponíveis na safra 2009/2010, sendo 286 destes, recomendados também para o inverno.

Os dados obtidos nesta safra de inverno no Vale Paranapanema demonstram a evolução da importância do milho para a região.





Dias de Campo

Evento anual de inverno para demonstração de materiais e insumos

Uma série de estandes de empresas parceiras da Coopermota compôs o local de exposição de resultados do milho de segunda safra, que faz parte do calendário de ações da cooperativa; as demonstrações trouxeram alta tecnologia e qualidade de materiais

As espigas já estão totalmente granadas e demonstram seu potencial de produtividade para a região do Vale Paranapanema. Em cada híbrido, características pontuais diferenciam o material de cada empresa, influenciadas por tratamentos de insumos que atuam sobre a produtividade final. O perfil do desenvolvimento das espigas neste ano agrada aos olhos dos produtores. Tais condições foram comprovadas no Campo de Difusão de Tecnologia da Coopermota, em Cândido Mota, e no Sítio São José, de propriedade dos Irmãos Zanon, em Palmital, locais que foram preparados para receber centenas de produtores para mais uma edição dos dias de campo anuais de inverno da Coopermota.

Dezenas de materiais de híbridos de milho foram cultivados e preparados para serem expostos aos produtores, tendo ainda a demonstração da ação de insumos sobre plantas, pragas e doenças. Eles foram dispostos em circuitos de visitação compostos por oito e quinze empresas, respectivamente,

em Cândido Mota e Palmital. Os participantes foram reunidos em grupos, com o monitoramento dos agrônomos da Coopermota para terem informações sobre os materiais expostos no evento. Em Palmital, um espaço foi preparado pela cooperativa para a apresentação de manejos com a braquiária, tendo ainda uma área de exposição de tratores.

No total, cerca de 130 materiais foram apresentados aos produtores nas duas oportunidades. Além das tecnologias para a produtividade do milho apresentadas na ocasião, os dois eventos contaram também com alta tecnologia de comunicação, tendo sido filmado por um drone, equipamento não tripulado utilizado atualmente em larga escala no meio rural, para diversas ações monitoradas por controle remoto. A iniciativa visa ampliar a visualização dos materiais cultivados no campo, já que o resultado das gravações será apresentado aos produtores em ocasião oportuna.

O técnico em agropecuária, José Carlos Pereira Godinho (Japão), comenta que o objetivo do

evento é mostrar ao produtor o que há mais inovador no meio rural, de forma que ele possa se adiantar nos preparativos para a safra do ano que vem, conseguindo um melhor planejamento e obtendo assim, uma maior produtividade. Da mesma forma, o gestor da Unidade de Negócios de Palmital, João Carlos Bernardo, destaca que diante do interesse do agricultor pelos materiais expostos, o evento cumpre o seu objetivo de divulgar o que há de opção entre os híbridos para a região.

PREPARAÇÃO PARA A PRÓXIMA SAFRA DE INVERNO

A grande maioria dos materiais impressiona pelo visual das espigas, o que estimula a perspectiva de produtividade alta para o Vale Paranapanema, aliado ainda às características dos híbridos que produzem grãos com bom peso. Cada vez mais a região está optando por materiais superprecoce, com ciclos mais curtos. Esta iniciativa tem sido realizada para reduzir os riscos de problemas com geada e falta de chuva, mas também porque os materiais estão cada vez mais produtivos e viabilizam os investimentos que cada vez mais vêm sendo adotados pelos agricultores.

Em Cândido Mota, o produtor Jorge Fonseca de Almeida, comenta que a escolha pelo melhor material está difícil, dada a grande quantidade de opções existentes para o Vale. "As empresas estão investindo e estamos com ótimos resultados para esta segunda safra", comenta. Almeida afirma que diante de tais circunstâncias, deverá optar pelo plantio de pelo menos três híbridos em busca de diferentes resultados.

Já em Palmital, o agricultor Aurélio Nobre também destaca a qualidade dos materiais. Com a colheita prevista para meados deste mês de agosto, afirma ainda não ter nenhum planejamento para a safra de inverno do ano que vem. Diz buscar no Dia de Campo uma forma de analisar o maior número de materiais possível. "Chega a confundir (a quantidade de materiais expostos), mas temos que nos informar sobre o que há no mercado", afirma.

O agricultor palmitalense Ítalo Modanez, por sua vez, conta que trabalha na roça desde 1975 e já escolheu os materiais que irá cultivar na segunda safra do ano que vem e deve plantar três híbridos diferentes, todos de ciclo normal. "Os precoces chegam muito rápido. Para a minha escolha, faço a comparação e escolho aquele que exige menos fungicida e tem maior produtividade", diz. Para o tratamento de sementes, também afirma ter escolhido com antecedência os produtos que irá usar. Contudo, o agricultor diz já ter a receita para um bom manejo no campo. "Vou para a lavoura todos os dias e acompanho como está o seu desenvolvimento. Neste ano não tive problemas com o percevejo, que muitos tiveram", conta. Isso devido ao tratamento de semente realizado.



Em Palmital, o evento contou com a participação regional de produtores e também de profissionais de outros estados, que vieram conhecer a realidade dos híbridos cultivados na região. A professora do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá, Flávia Carvalho, conta que veio conhecer in loco, a realidade do solo do Vale Paranapanema e o desenvolvimento dos híbridos, além de estabelecer contatos para os trabalhos que desenvolve na faculdade. Diz estar satisfeita com os resultados que obteve.

EMPRESAS PARCEIRAS PARTICIPANTES



ADAMA



AGROCERES



AGROESTE



BAYER



BIOGENE



COODETEC



DEKALB





DU PONT



NEXSEM



PIONEER



RIBIER



SPRAYTEC



SYNGENTA



TIMAC



Safra de recuperação ao agricultor

A produtividade total esperada para a região deve atingir patamares recordes em relação às safras de três ou quatro anos atrás

Os grãos são grandes, muitos deles de cores vivas e muito vistosos. As espigas estão preenchidas pelos grãos até a ponta e apresentam bom peso. A expectativa é que haja uma produtividade satisfatória ao produtor rural do Vale Paranapanema. Nos caminhões e bazucas, o limite vai sendo alcançado com rapidez, dada a quantidade ampliada de grãos acumulados nas colheitadeiras. O milho começou a ser colhido na região na última semana de julho e promete ser uma safra de recuperação ao agricultor, que sofreu com as avarias verificadas na soja devido às altas temperaturas registradas no período de conclusão da cultura, entre final de janeiro e início de fevereiro.

A média de produtividade na região deve ficar em torno de 240 sacos por alqueire, variando com maior produção entre aqueles que realizaram mais investimentos na cultura e menor índice entre os produtores que reduziram os gastos de produção. Os agricultores do Vale Paranapanema devem colher entre 220 a 300 sacos, conforme afirma o técnico em agropecuária da Coopermot, José Carlos Pereira Godinho (Japão). Ele explica que o

milho é bastante sensível e responde com mudanças consideráveis na produtividade nos casos em que há mais investimentos.

Japão comenta que a maior parte das lavouras de milho neste inverno estão cultivadas com híbridos superprecoce, com tendência a ampliar esta adesão dos produtores em relação aos híbridos com esta característica para os próximos anos. Tais mudanças estão voltadas à precaução dos produtores contra possíveis geadas ou ainda para permitir que o plantio de soja seja antecipado.

Na propriedade de Paulo de Oliveira Rocha Filho, a colheita dos híbridos superprecoces começou no dia 28. Ele possui outras duas áreas com variedades de ciclo precoce, com colheita para agosto. A estimativa é que todo o milho que cultivou esteja colhido até o final do mês. Ele avalia que irá obter uma média de produtividade semelhante à que registrou no ano passado, quando já conseguiu bons resultados na segunda safra, com o milho. A produtividade do primeiro híbrido colhido deve ficar em torno de 280 sacos por alqueire. As outras duas áreas semeadas com o

híbrido precoce deve apresentar uma produtividade um pouco menor em relação ao potencial da variedade por se tratar de um cultivo realizado em área de reforma de cana, porém a avaliação visual da lavoura traz boas expectativas para o agricultor.

O milho superprecoce que colheu primeiro apresentou um índice de 22% de umidade e de 2% de impureza. Dessa forma, considera os descontos que terá na produção para fazer a avaliação final de produtividade. “Não obtive mais produtividade nesta área porque não fiz cobertura no plantio, só adubação de base”, enfatiza. Ele conta que deixou de fazer a reserva antecipada de produtos como a ureia e o nitrato para realizar a cobertura do solo e quando os procurou no mercado local já não encontrava mais nada para comprar. “O ideal é nos planejarmos com antecedência e comprar o pacote de produtos de uma só vez, todos juntos com a semente”, avalia.

O agricultor comenta que as condições climáticas deste ano e da safra passada foram também semelhantes, tendo o registro de estiagens em períodos distintos. “No ano passado a seca pegou o milho em uma fase mais inicial. Já nesta safra a seca veio quando o milho já estava mais adiantado. Embora tenha sido em momentos diferentes, a seca trouxe mais ou menos as mesmas consequências para as lavouras da região”, avalia.

Paulo de Oliveira Rocha cultivou tanto o milho superprecoce como o precoce na última semana de fevereiro. “Nós estamos registrando nas últimas três safras de inverno, produtividades recordes em relação ao que colhíamos antes. Agora se você comparar esta safra atual com safras de quatro a cinco anos atrás, já não tivemos uma boa produtividade por conta da geada, que mascarou um pouco a produtividade potencial dos híbridos”, comenta. Ele destaca que embora haja uma perspectiva bastante favorável ao milho para a região no período de inverno, a segunda safra não deixa de ser um investimento em período de maior risco. Entretanto, afirma que sempre mantém o ponto de vista de que irá conseguir bons resultados nos plantios que realiza, investindo sempre na cultura que semeia. “Manterei os mesmos investimentos. Sempre parto do princípio que quero colher bem”, diz. ■



O técnico Japão ao lado do agricultor Paulinho

Parabéns a você, que enfrenta as adversidades do campo e encara os desafios com garra e de cabeça erguida.

Que sempre está preparado para as novas tecnologias, abraçando o ideal de alimentar ao próximo com fartura e qualidade.



28 DE JULHO

**DIA DO
PRODUTOR
RURAL**

FERTILIZANTE
MINORGAN



Representante: Pedro Ferreira
pedro.ferreira@minorgan.com.br
(18) 99601-7316 / (44) 9948-7196



ORGANFÓS **Organfertil**

Conte com toda a linha MINORGAN para continuar trilhando esse vitorioso caminho!

Visite: www.minorgan.com.br



Primeira fase de adequação da lei florestal

As propriedades que forem contínuas devem ser cadastradas como únicas, mesmo se tiverem diferentes matrículas; se o mesmo produtor tiver duas propriedades distantes entre si ele deve fazer dois cadastros rurais

A legislação ambiental em vigor está aprovada há pelo menos dois anos, mas ainda traz muitas dúvidas aos produtores de São Paulo e do Brasil, como um todo. Muitos ainda se perguntam quais são os detalhes da lei e as regras que devem ser seguidas, bem como quais são os métodos de avaliação e de aplicação da Reserva Legal, uma das obrigаторiedades previstas para a manutenção da vegetação nativa dos imóveis e a restauração ecológica dos ecossistemas nacionais.

O prazo para adequação das medidas de preservação e manutenção da sustentabilidade ambiental das propriedades ainda é longo, porém algumas medidas têm prazo curto para serem concluídas, como o Cadastro Ambiental Rural (CAR), o qual deve ser realizado até maio de 2015. Neste documento, toda a realidade da área rural deve ser registrada para ser acompanhada pelos órgãos responsáveis pela fiscalização das ações que vêm sendo implantadas. O estado de São Paulo adotou um sistema próprio de cadastramento, o qual deverá ser integrado ao sistema nacional, posteriormente. O objetivo foi a unificação do banco do

sistema ambiental estadual já existente, utilizado pela Cetesb e outros órgãos. Dessa forma, o endereço para o cadastramento é:

www.ambiente.sp.gov.br/sicar

Para o cadastro, o consultor da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), Leonardo Papp, explica que a instrução normativa expedida pelo Ministério do Meio Ambiente determina que o produtor deve registrar as informações referentes ao seu estabelecimento rural, independentemente da quantidade de matrículas que possui. A propriedade deve ser considerada como uma área única, mesmo que ela seja cortada por estradas ou rios, mas seja contígua. Papp tem acompanhado as discussões a respeito deste assunto no congresso e atuou junto à Frente Parlamentar do Cooperativismo nas discussões de elaboração da Lei Florestal. Ele acrescenta que apenas nos casos em que as propriedades estejam distantes entre si ou em municípios distintos é que estes devem ser incluídos em dois cadastrados ou mais.

Para efeito de análise das obrigações que o produtor terá que arcar para se adequar à lei,

avalia-se o tamanho da propriedade por módulos fiscais, uma unidade de medida que varia de tamanho em diferentes estados da federação. Na região do Vale Paranapanema, um módulo fiscal equivale a 20 hectares, o que equivale a 8,26 alqueires paulista, conforme dados da Tabela de Dimensões do Módulo Fiscal por Municípios, elaborada pelo Incra. Entre os municípios de abrangência da Coopermota, também estão incluídas as regiões de Iepê e Taciba, onde um módulo fiscal equivale a 24 hectares, ou 9,91 alqueires, e ainda Presidente Prudente, localização onde um módulo fiscal é equivalente a 22 hectares, ou 9,09 alqueires paulista.

A lei florestal prevê algumas medidas que facilitam a aplicação das regras entre os produtores com áreas menores que 4 módulos fiscais, ou 33 alqueires, no caso do Vale Paranapanema. Na região, pelo menos 70% das propriedades se enquadram neste patamar de imóvel rural, conforme dados da Cati Regional de Assis. O assistente de planejamento do órgão, Paulo Arlindo de Oliveira cita que entre as facilidades previstas para os produtores com propriedades menores está a simplificação para o cadastramento da imagem da área a ser registrada no sistema, para desenhar sua propriedade. Para aqueles que têm até quatro módulos fiscais, basta que o produtor produza uma espécie de croqui da sua lavoura, clicando no mapa disponibilizado no sistema. Nesses casos, a ação é auxiliada pelos integrantes das Casas da Agricultura

do estado, de forma gratuita. Já para aqueles com propriedades maiores é necessário o levantamento georreferenciado das coordenadas geográficas da área a ser cadastrada, sendo necessário a contratação de serviços terceirizados para isso, a não ser que o produtor possua os equipamentos adequados para esta iniciativa.

Os agricultores com até quatro módulos fiscais também estão isentos da obrigatoriedade de recomposição do possível dano ambiental existente na área, o que seria realizado por meio da adoção da Reserva Legal prevista na Lei Federal. Conforme texto da legislação em vigor, esta reserva deve ocupar 20% da área dos imóveis, nos casos de propriedades maiores que 33 alqueires, para situações verificadas no Vale do Paranapanema.

A obrigatoriedade de cadastramento das propriedades em áreas contínuas com matrículas distintas poderá interferir na definição da área de Reserva Legal, já que o imóvel deixará de ser de pequeno porte, passando a se configurar como de médio porte, sendo superior a quatro módulos fiscais. O consultor Leonardo Papp explica que, se em uma situação hipotética, um produtor rural possuir duas áreas com matrículas diferentes, cada uma com uma extensão equivalente a 2,5 módulos fiscais, ele terá que realizar a compensação de danos ambientais por meio da Reserva Legal porque a soma das duas áreas chega a 05 módulos fiscais. Tal situação tem sido motivo de críticas de muitos produtores.





Foto: Munir Zanardi

Conforme o Manual da Lei Florestal, disponibilizado na internet, caso o agricultor tenha que fazer a recomposição da Reserva Legal em sua propriedade mas entenda não ser este o melhor espaço para a iniciativa, ele pode: “comprar uma Cota de Reserva Ambiental (CRA); arrendar uma área sob regime de servidão ambiental ou de reserva; fazer a doação ao poder público de área localizada no interior de uma unidade de conservação, ou ainda cadastrar outra área equivalente à Reserva Legal em imóvel de mesma titularidade ou adquirida em imóvel de terceiro, com vegetação nativa estabelecida, em regeneração ou recomposição, desde que localizada no mesmo bioma”. Oliveira, explica que o objetivo da reserva legal em um mesmo bioma e localizada com a maior proximidade possível entre si visa criar um corredor verde que facilite o desenvolvimento da vida animal e vegetal. Desta forma, conta que ainda há defensores da obrigatoriedade da compensação da reserva limitada ao raio da mesma bacia hidrográfica e não do mesmo bioma.

Embora já implantada, a lei que tornou crime o desrespeito à sustentabilidade ambiental ainda vem sendo questionada em alguns de seus aspectos. Três ações de inconstitucionalidade, por exemplo, estão em trâmite junto à Procuradoria da República e estão em fase de avaliação. Além disso, alguns segmentos de representação dos agricultores se mobilizam em questionamentos sobre alguns pontos da lei, o que desperta a atenção de parte dos produtores, na expectativa de que as regras ainda possam ser alteradas.

ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

Além da Reserva Legal, outra determinação que visa a recomposição das condições favoráveis de desenvolvimento da fauna e flora diz respeito às Áreas de Preservação Permanente (APP). Elas se caracterizam como uma região que deve ser preservada, porém a recomposição das árvores não precisa ser realizada em toda a sua extensão. Tal abrangência será definida de acordo com a região da lavoura e a proximidade com rios, lagos e nascentes. Para os casos de propriedades que tenham em sua área, cursos d'água de até 10 metros de largura, por exemplo, a área de APP será de 30 metros, com necessidade de recomposição de uma faixa de apenas cinco metros, desde que esta área não ultrapasse o total de 10% da propriedade, conforme tabela a baixo.

O assistente de planejamento da Cati explica que esta área de APP anteriormente era medida a partir da parte seca do curso d'água e agora é da margem, o que favorece o pequeno produtor. Além disso, comenta que nas áreas de APP o produtor pode manter pequenos cultivos para sua subsistência como árvores frutíferas, integração floresta e pecuária, entre outros, desde que não haja a utilização de agrotóxicos e sejam considerados os manejos de conservação de solo. Na recomposição da APP, o produtor deve plantar árvores nativas da região como o cedro, a peroba, ipê e outros. ■

EXEMPLOS DE APLICAÇÃO DA LEI FLORESTAL

Área de APP conforme tamanho do curso d'água

Largura Máxima do Rio ou Córrego	Área a ser preservada (APP)
Até 10 metros	30 metros
De 10 a 50 metros	50 metros
De 50 a 200 metros	100 metros
De 200 a 600 metros	200 metros
Acima de 600 metros	500 metros

Obrigatoriedade de recomposição conforme curso d'água e tamanho da área

Tamanho da área	Faixa a recompor	Largura do curso d'água	Área máx. à recompor
Até 1 MF	5 metros	Independente	10%
De 1 a 2 MF	8 metros	Independente	10%
De 2 a 4 MF	15 metros	Independente	20%
De 4 a 10 MF	20 metros	Até 10 metros	A necessária
Acima de 10 MF	De 30 a 100 metros (metade da largura do rio)	Até 10 metros	A necessária

MF: Módulo fiscal

Fonte: Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati)

FIM DA LINHA PARA A FALSA-MEDIDEIRA.
CURYOM, O ÚNICO INSETICIDA FISIOLÓGICO
 COM CHOQUE + RESIDUAL EM UM SÓ PRODUTO.



Curyom, da Syngenta. O inseticida que sua lavoura precisa, pois apresenta choque + residual com um amplo espectro de controle das lagartas e do ácaro vermelho. Curyom, o melhor complemento para as diamidas no manejo das lagartas de sua lavoura.

Curyom

syngenta.

Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
 Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é proibido à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Evite contato com água especialmente em áreas próximas ao rio, lago e na rede de distribuição de água para consumo humano. Evite o uso de produtos em áreas de preservação ambiental. Evite a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE CURYOM EM
 INGENHARIA AGRONÔMICA
 VENDA SOB RECEITUÁRIO
 AGRONÔMICO

c.a.s.a.
 0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Seguro Rural

Cadastro obrigatório
para a subvenção estadual

A obrigatoriedade foi implantada neste ano; os dados apresentados pelos produtores para o cadastro serão utilizados para a concessão da subvenção estadual

Se a chuva chega mais forte em tempos de desenvolvimento das lavouras, ou se a seca teima em se manter por longos períodos, a produção agrícola sofre reveses. Em tempo de período adverso no ponto de vista climático como esses, o seguro rural se caracteriza como uma importante ferramenta para a garantia de manutenção do produtor no campo e a viabilidade de seu empreendimento agrícola. A medida protetiva permite recuperar perdas causadas em situações desfavoráveis ao agricultor. O benefício inclui o seguro que repõe as perdas de custeio da lavoura, tendo ainda as subvenções dos governos federal e também estadual, pelo menos para os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais. As subvenções são benefícios pagos sobre o valor de contratação do seguro, repassados aos produtores.

Com as subvenções oferecidas pelos governos, os prêmios do seguro são custeados de forma a reduzir o valor a ser pago. No entanto, neste ano a concessão da subvenção estadual, para contratos firmados a partir de agosto, estará condicionada ao cadastramento do produtor no Fundo de Expan-

são do Agronegócio Paulista (Feap). Sem isso, a subvenção concedida pelo governo do estado não será oferecida ao produtor. A iniciativa visa restringir o benefício entre os produtores que possuem renda de até R\$ 800 mil ao ano, tendo em vista que o Fundo é um recurso disponibilizado pelo governo estadual para dar subsídio aos produtores familiares. Também não será concedido o benefício para aqueles que tiverem qualquer tipo de dívida ativa com o estado ou a União.

A medida deve ser cumprida por todos os produtores, independentemente do tamanho de sua propriedade. Para o cadastro, os agricultores devem procurar as Casas de Agricultura de sua cidade. Todos os dados apresentados para o cadastro serão utilizados para a concessão da subvenção estadual.

Conforme dados da subvenção concedida no ano passado, se um prêmio do seguro custa R\$ 400,00, por exemplo, o governo federal custeia 40% deste valor para as culturas de verão, ou seja, R\$ 160,00, e o governo estadual arca com 30% do valor a ser pago, equivalente a R\$ 120,00. Dessa

forma a contratação do seguro terá o custo de R\$ 120,00, o que representa 30% do valor que ele pagaria sem as subvenções em pagamento único na contratação do seguro.

Nos anos anteriores, a concessão das subvenções era realizada pelas seguradoras, que encaminhavam o benefício de forma bastante variada. Já para a safra 2014/2015, será o governo quem irá definir a concessão das subvenções. Dessa forma, a liberação irá ocorrer de acordo com a demanda apresentada pelos produtores, por ordem de chegada dos pedidos. Diante disso, o gerente operacional de créditos da Credimota, Mário Sérgio Gozzi, destaca que a orientação é que o seguro seja contratado o mais rápido possível para garantir a subvenção do governo.

Na safra passada, as altas temperaturas causaram danos na produtividade da região e deixou muitos produtores preocupados com seus investimentos. Gozzi conta que entre as 220 propostas de seguro contratadas para Cândido Mota, houve 110 comunicados de sinistros, porém apenas 15 deles foram concretizados. Ele explica que muitos viam que a safra estava comprometida e já anunciavam a necessidade do sinistro, porém na colheita, a produtividade alcançada foi maior do que a quantidade de saca assegurada.

} SEGURO NA REGIÃO

A responsável pelas contratações de seguros da Unidade de Negócios da Coopermota, em Cândido Mota, Rejane Cristina Tiburcio, comenta que na safra de verão passada foram 57 contratos firmados diretamente via Coopermota, somando os dados de todas as suas unidades, e quantidade semelhante na safra de milho. A quantidade abrange os produtores que não fizeram seguro já implantados em casos de financiamento. Para a soja 2013/2014, a garantia do seguro em caso de sinistro foi fixada em 74,08 sacas por alqueire, com a saca no valor de R\$ 53,00. Já para o milho 2014/2014, o qual está sendo colhido, foram garantidas 83,07 sacas, com preço fixado no valor de R\$ 25,00 cada.

Na safra de soja que começou a ter os seguros contratados neste mês de agosto, a garantia em caso de sinistro está determinada em 74,87 sacas por alqueire, no valor de R\$ 53,00, a saca. Tiburcio cita, como exemplo, o caso de contratação de seguro rural para esta safra de soja, para uma área de 13,67 alqueires. O valor líquido do prêmio que o produtor teria que pagar para contratar o seguro, seria de R\$ 1.848,00, já descontados os valores de benefício da subvenção dos governos Federal e Estadual. Esse montante leva em consideração o valor de R\$ 138,88 por alqueire de custo ao agricultor. Sem as subvenções, o produtor teria que arcar com o custo de R\$ 6.328,00 para ter o seguro rural como segurança de produção mínima. A cobertura, neste caso, seria equivalente a R\$ 54.261,00.

A cobertura dos seguros que podem ser contratados



pelos produtores varia de abrangência conforme a cultura, o solo do município e outras variantes. No ano passado, os produtores que haviam assegurado a lavoura de verão, na safra anterior, tiveram a ampliação da cobertura do seguro do milho, em pelo menos cinco sacas por alqueire. A medida visa ampliar a carteira de segurados de forma a obter um maior caixa para cobrir possíveis sinistros nas próximas safras.

Um levantamento do Banco Central do Brasil frente ao pagamento de sinistros realizados pelo Proagro, portanto destinado aos produtores da agricultura familiar, aponta a variação de utilização dos recursos do seguro para o pagamento de sinistros. No gráfico de previsão de taxas de custeio atuarial, entre 2006 e 2011 houve maior receita do que despesa tendo em vista os bons resultados obtidos nas safras. Já a partir de 2012 houve gastos por parte do Banco Central referentes ao paga-

mento de sinistros. Neste ano (2014), o índice de sinistralidade já apresentou maior quantidade de gastos, chegando a 9,3%. A previsão do banco é que em 2017 o índice seja ainda maior do que o atual. Diante dos dados, Gozzi estima que os próximos anos podem ser críticos, dada a incidência de possível ação do El Niño, entre outros fatores. "É importante o seguro para o produtor, já que com isso ele garante que ao menos as suas dívidas sejam quitadas em caso de perdas", comenta. Para a safra 2014/2015 os seguros já estão em fase de contratação. "Lembrando da questão de que o governo irá liberar as subvenções por ordem de chegada dos pedidos, quanto mais cedo o produtor contratar o seguro, mais chance terá de conseguir o benefício", diz. Desde o dia 21 de julho a Credimota começou a fazer as contratações dos financiamentos e também do seguro rural.

A soja 2013/2014 apresentou grãos esverdeados e alguns produtores acionaram o seguro



Cool seed

A melhor proteção em pós-colheita



UTA*
UNIDADE DE TRATAMENTO DE AR



SBJ*
SECADOR DE BANDEJA



PCS*
RESFRIADORES DE GRÃOS E SEMENTES



SRF*
SILOS RESFRIADORES

Os equipamentos Cool seed são destinados a manutenção da qualidade de grãos e sementes usando tecnologias limpas e que reduzem custos e perdas na armazenagem.

WWW.COOLSEED.COM.BR

Cool seed
TECNOLOGIAS DE PÓS-COLHEITA



Uma experiência de produtividade e opção de inverno

O nabo forrageiro é uma planta de característica rústica e age como descompactador natural do solo; ele ajuda ainda na redução da toxidez do solo em decorrência do alumínio

As plantas já estão à altura da cintura e o “mar” de flores brancas e roxas lembram os quadros das paisagens dos artistas plásticos impressionistas. As vargens já preenchidas pelos grãos criam a expectativa de uma boa produção. Da mesma forma, as flores já recebem as abelhas e outros insetos para a sucção do néctar. A plantação de nabo forrageiro cultivada em uma área de quase quatro alqueires em Cruzália impressiona pela beleza. Trata-se de uma experiência de cultivo realizada pela Coopermota como forma de avaliar o potencial produtivo de grão do nabo forrageiro no Vale Paranapanema, bem como um incentivo aos produtores para adoção do cultivo do nabo para a produção de grãos no inverno, tendo ainda, o benefício da rotação de cultura e o aporte de nutrientes no solo destinados à cultura seguinte. A opção está em fase de análise.

A parceria consiste no plantio da variedade IPR 116, do Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR. A produção ficará com a Coopermota, sendo a área conduzida pelo produtor Gianni Di Raimo, em Cruzália. A opção pela variedade se justifica

pelo material possuir bom desempenho de sementes, não só no Paraná como também em outras regiões.

Conforme os dados técnicos disponibilizados pelo Iapar, a variedade possui ciclo normal e começa a florir com 80 dias após a semeadura. A florada dura em média 30 dias e a maturação é atingida entre 120 e 180 dias. Uma de suas principais características é possuir uma longa raiz pivotante, caracterizada pela raiz principal entre as suas ramificações, que atinge uma profundidade superior a dois metros e meio. A extensão da raiz e a capacidade de romper áreas bastante adensadas do solo, dá à planta a característica de ser uma descompactadora natural do solo.

Além disso, o nabo forrageiro também tem a função de reciclar os nutrientes do solo onde foi cultivado, principalmente o fósforo e o nitrogênio, oferecendo melhores condições de desenvolvimento para a soja e o milho que forem cultivados subsequentemente na área antes ocupada pelo nabo. Em cerca de dois meses a cultura já atingiu o desenvolvimento vegetativo capaz de cobrir 70% do solo

onde foi cultivada. Produz de 20 a 35 toneladas de massa verde por hectare e de quatro a seis toneladas de massa seca por hectare ao ano. Já para os grãos, a produção varia entre meia tonelada e uma tonelada e meia por hectare. Para a semeadura é recomendada a utilização de 15 a 20 quilos de semente por hectare. Tais dados fazem parte da publicação de divulgação da Área de Melhoramento e Genética – IAPAR.

O agrônomo da Coopermota, Márcio Pecchio, explica que além das características já citadas, o nabo forrageiro também auxilia na redução da toxidez do solo causada pelo alumínio, o qual prejudica o desenvolvimento das raízes das culturas. Trata-se de uma cultura rústica que não exige muitas intervenções do produtor para o seu desenvolvimento e é resistente às doenças e pragas.

Pecchio explica que o nabo forrageiro pode ser cultivado entre março e abril, tendo em vista que a cultura não se desenvolve satisfatoriamente em períodos de calor. A cultura é propícia para o inverno, tendo tolerância a secas e geadas. O cultivo do nabo na parceria formalizada pela Coopermota com produtor de Cruzália foi realizado no final de maio, com previsão de colheita no final de setembro. “O cultivo do nabo destinado à produção de sementes é uma iniciativa para a região e por isso estamos avaliando os resultados para então incentivar o cultivo entre os produtores assistidos pela Coopermota”, afirma.

Embora a experiência em andamento esteja voltada à multiplicação de sementes da cultura, o nabo forrageiro também é uma opção recomendada para a produção de biocombustível e como alternativa para o plantio destinado à cobertura verde, podendo também ser consorciado com outras culturas como a aveia e a crotalária, entre outras.

De acordo com o agrônomo da Coopermota, Rafael Nascimento, naquela área foi realizada apenas uma aplicação preventiva de inseticida e herbicida, no início de desenvolvimento da cultura, não tendo sido realizada mais nenhuma interferência até o momento.

A capacidade de desenvolvimento em solos mais fracos e com problemas de acidez é uma das potencialidades destacadas para a cultura, a qual será avaliada nesta experiência. O plantio do nabo pode ser realizado por meio de plantadeiras ou feito a mão. Para a semeadura destinada ao aproveitamento dos grãos para sementes é recomendado que o espaçamento entre linhas seja superior a 40 centímetros. ■



Trigo comercializado para moinho e incentivado como rotação de cultura

A opção pelo cereal possibilita a variação entre as culturas do Vale Paranapanema, de forma a contribuir com a redução de pragas e doenças que adquirem resistência no decorrer dos anos de cultivos subsequentes

Em meados da década 1980, o som característico do vento nos campos de trigo ressoava de forma abrangente no Vale Paranapanema. O cereal já foi tido como um grande atrativo para os produtores da região, mas deixou de ser considerado como uma opção de cultivo para a grande maioria deles, após o fim do suporte de comercialização oferecido pelo Governo Federal, por meio do CTRIN, suspenso em 1987, somado às dificuldades vividas pelo setor. Embora o trigo não ocupe lugar de destaque na região, ainda são mantidos pelo menos 1.800 hectares cultivados com o cereal, abrangência que está estabilizada nos últimos anos, conforme dados da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati).

No entanto, diante dos benefícios oferecidos no que se refere à rotação de cultura, entre o cultivo do milho e da soja, a triticultura é incentivada pela Coopermota de forma a valorizar a preservação ambiental e contribuir para a manutenção e a melhoria dos recursos naturais disponíveis no solo.

Para isso, busca apoio do moinho local para a absorção da produção obtida na região. Neste ano, esta iniciativa foi sugerida ao produtor interessado na cultura, com indicação da variedade a ser cultivada e o pagamento da semente previsto para a colheita. Da mesma forma, a comercialização futura já seria contratada ao preço de R\$45,00 a saca.

Diante do incentivo ao cultivo deste cereal, o proprietário do Moinho Nacional, Dorival Finotti, destaca que possui o máximo de interesse em dialogar com o produtor para incentivar o plantio e implantar um modelo que possibilite a região colher mais trigo. “É claro que prefiro comprar deles (produtores da região), que estão mais próximos e conheço, do que optar por importações”, afirma. Ele garante que o trigo é um cereal sem problemas para comercialização, já que é consumido no mundo inteiro. “O que tiver para ser comercializado, será”, acrescenta.

Além dos aspectos ligados à comercialização

deste produto, outro fator que desestimula o plantio do trigo no Vale é que as propriedades estão com a estrutura preparada para o plantio do milho, o que exigiria pequenas mudanças. “Os produtores que têm irrigação teriam ainda mais possibilidades de ganhar dinheiro com o trigo”, diz Finotti.

O diretor do Escritório de Desenvolvimento Regional da Cati/Assis, Cristiano Geller, cita que não há incentivos estaduais ou federais para que o produtor opte pelo plantio do trigo, porém a região é local de produção de sementes para abastecer o mercado local por meio de parcerias com alguns agricultores. As sementes são fiscalizadas pela Cati e vendidas aos produtores que buscam o trigo como alternativa para cultura de inverno.

O produtor Joaquim Barbosa cultiva 12 alqueires com trigo, no Sítio Santa Maria, no bairro Água do Pica Pau, em Cândido Mota. Há cerca de 10 anos ele planta o cereal para a comercialização direta com a Cati. Nesta parceria, o agricultor vende a saca de trigo a um preço superior em 20% sobre valor de mercado. Desta forma, avalia não compensar a negociação diretamente para a indústria. O restante de sua propriedade neste bairro é arrendado também para o cultivo de trigo, chegando a quase 30 alqueires do cereal. Entretanto, neste caso a produção é comercializada no mercado interno.

) CONDIÇÃO DE MERCADO

O proprietário do Moinho Nacional, Dorival Finotti, avalia que o trigo alcançou um preço satisfatório em 2013. “Quem plantou fez bom negócio, já que para os moinhos o preço estava fixado em R\$ 900,00 a tonelada, equivalente a R\$ 50,00 a saca”, comenta. Já neste ano, atualmente o sacco de 60 quilos vale R\$ 40,00, com estimativa de queda no período de colheita, prevista para setembro, chegando a R\$ 36,00. Na macrorregião, que envolve produtores de Bernardino de Campos a São José das Laranjeiras, estima-se que sejam cultivados 15 mil hectares do cereal.

Finotti considera um erro a avaliação negativa para a cultura do trigo na região e defende que a análise de viabilidade da cultura deve envolver não somente os aspectos imediatos e financeiros do negócio, como também a importância do trigo como rotação de cultura e os benefícios que o cereal traz para a lavoura, como a soja, por exemplo, a médio prazo. “A soja está apresentando uma baixa produtividade em relação a outras regiões do país. O produtor insiste em apenas antecipar o plantio para permitir o plantio do milho no outono/inverno, que não atinge uma média muito superior a 200 sacas por alqueire. Ele precisa investir na melhoria do solo para ter mais produtividade”, pondera.



} PRODUIZIR COM QUALIDADE

O moageiro enfatiza que a região pode produzir trigo de boa qualidade, com atenção para o plantio, a secagem e a separação no processo final. Ele comenta que, assim como a cana de açúcar é comercializada de acordo com a quantidade de açúcar que possui, o trigo também é avaliado dessa forma e o produtor precisa se adequar à essa realidade e presar pela qualidade do produto. Finotti cita que existem atualmente cerca de 20 variedades de trigo para serem cultivadas, porém destaca que apenas três ou quatro possuem características que atendem ao mercado da indústria. "Muitos produtores ainda optam pelo trigo mais rústico. Com isso, gasta-se menos, colhe-se mais, porém não se consegue vender a produção", avalia. ■



QUEM USA, COMPROVA E RECOMENDA

TOP-PHOS
A REVOLUÇÃO DOS FOSFATOS

Maior eficiência
na adubação
fosfatada

RESULTADOS DE PRODUTIVIDADE ADUBAÇÃO DE PLANTIO SOJA 2013/2014

PRODUTOR	PADRÃO PRODUTOR	TOP PHOS	SACAS A+
			SACAS/ALQUEIRE
Gilberto Frandsen	108	118	+ 10
Carlos Massimo Vecchi	118	134	+ 16
Duilio Pessotto	75	84	+ 09
Antônio Hélio Gozzi	126	139	+ 13
Oscar Knuppel	152	159	+ 07
Carlos Roberto Pelogia	106	128	+ 22

"Resolvi utilizar o TOP PHOS devido aos resultados que vi na minha região, e assim, comprovei que realmente funciona. Por isso, já efetuei a compra para a próxima safra, para 100% da área".

Duilio Pessotto

"O TOP PHOS foi muito superior ao que nós usamos, portanto usaremos em 100% da área no próximo plantio".

Carlos Massimo Vecchi

UNIDADE SP:
Rua: Umbu, 265 - sala 12
Centro Empresarial Alphaville
CEP: 13098-325 - Campinas - SP
Fone: 19.2139.6000 - Fax: 19.2139.6015

www.timacagro.com.br

 **Timac AGRO**



Fiscalização de documentações e registros em favor do desenvolvimento da Coopermota

Da esquerda para a direita, o conselho fiscal é formado por Antônio Terezan, Jorge Fonseca de Almeida, Vagner José Zardetto, Joseval Erique Inácio e Francisco Antônio de Oliveira Filho

Ações como a compra do silo de Ibirarema e a viabilidade de ampliação das unidades de recebimento de grãos da Coopermota, entre outras medidas adotadas recentemente pelo conselho administrativo e a diretoria, têm recebido a atenção dos integrantes do Conselho Fiscal da cooperativa. A atual composição do órgão está em atuação há três meses, com reuniões mensais, desde a posse em 21 de março, e vem acompanhando as ações implantadas até o momento, de forma a contribuir para que as iniciativas administrativas atendam aos interesses dos cooperados.

Seus integrantes são Antônio Terezan, Jorge Fonseca de Almeida, Vagner José Zardetto, Joseval Erique Inácio e Francisco Antônio de Oliveira Filho. Jorge e Francisco foram reeleitos na chapa aprovada pelos associados em março, tendo ainda a renovação dos outros três integrantes do conselho. É com base no

acompanhamento dos registros contábeis, documentos, arquivos, atas e anotações que o conselho atua, principalmente, em todo o seu mandato.

No mês de julho, a Coopermota concluiu a construção dos silos de Palmital, parte de uma série de obras que vêm sendo implantadas pela cooperativa em diversos setores e diferentes unidades. Além disso, também têm sido implantadas ações sociais e culturais junto à comunidade onde a Coopermota mantém suas unidades, abrangendo tanto educadores como educandos em ações de projetos que estão em andamento.

Frente à colheita do milho de segunda safra em andamento e as análises iniciais de produtividade, a expectativa dos integrantes do Conselho Fiscal é que a região tenha bons resultados nesta safra de inverno, ainda que os preços de mercado não estejam favoráveis ao produtor no momento. ■



**“Ô seu vigário,
abencôa os meus
cumpade e a roça
dessa terra!!
Eita arraiá porreta
de bom, sô!”**

Em quatro datas diferentes festejamos a cultura e os valores caipiras nas cidades do Vale Paranapanema. Obrigado a todos pela participação nas festas da Coopermota.





Cândido Mota



Ibirarema



Ipaussu



Palmital



A close-up photograph showing two hands, one larger and one smaller, planting a small green seedling into dark brown soil. The background is a blurred field of straw or dry grass. The text 'Cultivando Conhecimento' is overlaid in large white letters on the left side of the image.

Cultivando Conhecimento

Plantar sementes para colher educação e saúde

O projeto desenvolvido pela Coopermota une à educação os valores de cuidados ambientais, práticas saudáveis de alimentação e de importância do trabalho cooperativo, já que os alunos que participam do projeto desenvolvem as ações em conjunto e cooperam entre si para o desenvolvimento dos alimentos

Do corredor das salas de aula vêm as crianças em linha indiana até o pátio. Além dos professores que as acompanham no cotidiano escolar, desta vez elas recebem a companhia de mais pessoas. Também estão presentes instrutores, jornalistas e agrônomos, que se apresentam para a condução da ação que será desenvolvida. Um saco com substrato encostado próximo às mesas baixas, à altura dos pequeninos, pacotes com sementes e pequenos objetos de manuseio com a terra dão o tom da ação que será iniciada. Sobre as mesas estão depositados pequenos copos plásticos de café. Eles serão preparados para servir como o primeiro espaço de desenvolvimento das sementes de hortaliças que serão cultivadas.

O pequeno ambiente que irá abrigar as futuras mudas é preparado por cada um dos pequeninos envolvidos no projeto. Tais ações vêm sendo desenvolvidas desde maio por estudantes do ensino fundamental de escolas de Ibirarema, Paraguaçu Paulista e Maracá, no distrito do São José das Laranjeiras, que

participam do projeto "Cultivando Conhecimento", iniciado neste ano pela Coopermota. A iniciativa permite conhecer diferentes composições de solo e plantas alimentícias e ainda facilitar a compreensão das crianças sobre a necessidade do trabalho coletivo, já que dividem o trabalho entre eles.

Depois das mudas crescidas, os canteiros são preparados pelos estudantes, auxiliados pelos instrutores, e plantadas no local onde serão cuidadas até o momento da colheita para a alimentação na própria escola. Depois de aproximadamente 45 dias eles poderão colher alface, cebolinha, cenouras e outras hortaliças que foram cultivadas pelos estudantes no ambiente escolar, para futuramente integrá-las ao seu cardápio diário familiar.

A ação envolve crianças do segundo ao quinto ano do ensino fundamental, iniciada com a encenação de uma peça teatral que abordou a questão ambiental e, em seguida, e foram realizadas as oficinas de cultivo de hortaliças. A iniciativa



visa ampliar o contato dos estudantes com as plantas e despertar em cada um deles, a consciência responsável no que se refere à preservação ambiental e à alimentação saudável.

Em Ibirarema, quase 450 alunos da escola Augusto Novaes Coronado realizaram o plantio de alface em copinhos plásticos. Eles tiveram a oportunidade de manipular o substrato e manusear as sementes que foram utilizadas por eles para a formação das mudas que serão replantadas diretamente no solo, sob orientação do técnico agrícola da Coopermota, Ronaldo Vieira. Posteriormente o projeto abrange a construção de canteiros em uma área da escola, no ambiente propício para o desenvolvimento das hortaliças.

Já em Paraguaçu Paulista, a quadra poliesportiva da escola Therezinha de Lourdes Cação Goya teve a sua função alterada. Desta vez, cerca de 120 estudantes ocuparam o espaço para aprender mais sobre o cultivo de hortaliças e fazer o primeiro plantio para a horta da escola. Neste momento foram cultivadas sementes de alface americana para a formação de mudas em copinhos plásticos. O gestor da unidade daquela cidade e técnico em agropecuária da Coopermota, Cristiano Ap. Tomieiro, será o responsável pelo desenvolvimento do projeto junto aos alunos. Todo o desenvolvimento das plantas será acompanhado por ele, com visitas semanais.



As atividades também se estendem a uma região com características bastante rurais, em São José das Laranjeiras, contando com a atuação de 340 alunos no plantio das hortaliças em uma extensa área localizada ao fundo da escola Coronel Azarias Ribeiro. Neste caso, além de cebolinhas plantadas em copinhos plásticos, mudas de alface já preparadas pelo agrônomo da Coopermota, Rafael Nascimento, foram cultivadas nos primeiros canteiros da horta. Em todas as escolas as ações ainda contarão com uma série de atividades ligadas a este projeto, que deverá ser concluído no final do ano letivo. ■





55 ANOS
DE PARCERIA
COM O
PRODUTOR RURAL



Coopermota
Sempre ao lado do agricultor

MANEJE _____ SEU TEMPO APLIQUE FULLTEC



SPRAYTEC
SPRAYTEC FERTILIZANTES

Mais praticidade, mais sanidade, com maior lucratividade

www.spraytecfertilizantes.com.br

